

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redação e Administração: R. da República, 56 A—L.º e 2.º Andar—Telef. 4313. — Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa—Telef. 4177—Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

COMISSÃO DE CENSURA
VISTADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Doutor Bernardino Machado

É dever elementar de educação cívica o tributo de respeitosa homenagem a quem, dentro dos vários estatutos — e qualquer que ele seja — da organização política interna, exerce ou exerceu o cargo supremo de Chefe do Estado; e se, no exercício da sua árdua missão, tão sujeita, nomeadamente, nos povos de inflamáveis paixões, a um contínuo alerta de energia espiritual e perseverante direitura de carácter, esse alguém honrou o seu lugar e cumpriu sua complexa missão, esse dever já se constitui em obrigação não só de respeito, como de consideração e grato reconhecimento. O Ex.^{mo} Senhor Doutor Bernardino Machado, que, embora nonagenário, a morte, há precisamente uma semana, levou em plena pujança do seu espírito, sempre moço no amor e na fé nos destinos de Portugal, foi um honrado Chefe de Estado e dignificou as suas altas funções. Quaisquer que tenham sido os erros e as virtudes da política, em que nobremente militou — o que fez sempre com verdadeiramente requintada elegância intelectual e incorruptível aprumo moral — uma coisa é incontestável, e essa é que jamais teve em vista outro designio que não fosse o bem e a prosperidade da Pátria. Devemos à sua memória honrada o honradamente reconhecê-lo.

Professor ilustre da Universidade de Coimbra, onde era carinhosamente estimado pelos alunos de todas as Faculdades, o Dr. Bernardino Machado, como já, na história da política nacional, havia acontecido e vemos presente a nossos olhos, trouxe para a vida pública o espírito académico, que se traduziu e manifestou na compostura e afabilidade do porte, no fundo de cultura, na vernaculidade artística da frase e do discurso, no desejo veemente de elevar o nível dos debates e das agitações partidárias, no estímulo aos novos com o despertar-lhes as iniciativas e dirigir-lhes os méritos naturais, e que, nele, tão profundamente o distinguíam e sobrelevavam. Esse espírito académico, fervoroso e superior, deu ainda ao Dr. Bernardino Machado outro cunho de acentuado relevo — uma grande parte, a mais sã e a melhor, da sua longa e trabalhosa carreira política, em que foi sempre um homem de bem e um bom português do melhor quilate, consagrou-a à intensificação, difusão e progredimento salutar do ensino público em todos os seus ramos — Guimarães deve-lhe a muito especial ternura que dedicou à nossa Escola Industrial — e a obra social, hoje de tão premente evidência e por ele, em muitos aspectos, já prevista e esboçada, a favor dos pequenos trabalhadores e dos humildes. Impõe-se ainda notar que, na direcção das nossas relações externas, em horas graves da maior contingência e risco, o Dr. Bernardino Machado soube zelar a nossa dignidade nacional e colocou o nome de Portugal onde lhe competia pela sua tradição histórica e pelo seu domínio

ultramarino. Em épocas agitadas — manda a justiça que se escreva com verdade no seu necrológio —, e tantas foram, o mais supremo anseio do seu espírito e do seu coração, foi, sempre, servir de intermediário na conciliação da paz dentro da família portuguesa — para, muitas vezes, infelizmente, ser ele a primeira vítima, e talvez a maior, dos próprios acontecimentos que pretendia evitar. A consciência do dever cumprido deve-lhe ter dado, na hora da agonia, a doce serenidade do adormecer de um justo.

Museu de Alberto Sampaio

A Junta de Província do Minho entregou ao nosso precioso Museu Regional — para a publicação dos seus "Estudos", que devem sair ainda este mês, e para as suas necessidades administrativas —, a quantia de 5.000\$, sendo metade para cada uma das referidas despesas. Brevemente "Notícias de Guimarães", se ocupará do assunto dos 10 quadros restaurados nas oficinas do Estado, em Lisboa, que há dias regressaram às salas daquele modelar estabelecimento de cultura. Entre as novidades que o Museu de Alberto Sampaio exhibe, pela primeira vez, no ano que decorre, encontram-se obras de escultura (1), de pintura (10), de cerâmica (4) e de mobiliário (6). O nosso Museu Regional continua sendo muito visitado.

INAUGURA-SE, HOJE, A EXPOSIÇÃO DE PASSOS MAURICIO

No Salão Nobre da benemérita Sociedade Martins Sarmento, deve inaugurar-se hoje, às 16 horas, com a assistência de algumas individualidades, a exposição de pintura que PASSOS MAURICIO resolveu realizar em Guimarães e na qual vão figurar alguns trabalhos que dizem respeito aos nossos Monumentos e à nossa bela paisagem.

A exposição conservar-se-á aberta durante uns dias e vai ser visitada, por certo, por inúmeras pessoas. Oxalá o distinto Artista veja coroados do melhor êxito os seus trabalhos.

Desejamos-lhe, pois, muitas prosperidades.



Passos Mauricio

(Desenho de Mário dos Reis)

Um pedido justo

que a COMPANHIA DO NORTE deve atender

Segundo as diligências que estão a ser feitas junto de algumas individualidades, pretende a população servida pela linha do caminho de ferro do Norte, entre o Porto e Guimarães, que o comboio que se efectua presentemente às segundas e quintas-feiras e domingos e que chega ao Porto às 14 horas e 8 minutos, seja posto a circular diariamente nos próximos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro.

Para que tal se consiga sabemos que as Ex.^{mas} Câmaras de Guimarães e Santo Tirso e a Ex.^{ma} Junta de Turismo de Vizela vão interceder junto da Direcção da Companhia do Norte e bem assim da Direcção Geral dos Caminhos de Ferro, assim como de

Sua Ex.^a o Sr. Ministro das Obras Públicas.

Nada mais justo que aquilo que se pretende visto que o serviço diário daquele comboio e nos meses indicados, seria de grande interesse para o público e bem assim para a própria companhia.

De esperar é, pois, que sejam coroados de êxito os esforços empregados.

Presidente da Câmara

Tem estado incomodado o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, nosso prezado amigo e ilustre Presidente da Câmara, a quem desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

As Laranjas

Moravam à entrada da vila, numa grande residência solarilana.

Beatriz, Laura e Natércia tinham nomes poéticos devido a a mãe, na mocidade, haver maltratado as musas, em versos de pé quebrado.

Segundo rosnavam as más línguas contemporâneas da poetisa fruste, os únicos poemas sofríveis, dela, seriam as filhas, ainda agora bonitotas a-pesar-de quarentonas.

Fizeram-me matutar durante a minha demora em Oliveira, as singulares raparigas.

Porque não casavam?!

De nada careciam para, qualquer delas, se considerar um bom partido. Fortuna, nobreza, formosura, tudo possuíam.

Relações também lhes não faltavam. Quatro irmãos formados na Universidade de Coimbra — dois médicos e dois advogados — proporcionavam-lhes farta convivência com rapazes casadoiros. Frequentavam praias e termas, assistiam a bailes, não dispensavam o cinema ou o teatro... Em suma: apareciam, exibiam-se, mostravam-se!

¿Não seriam consideradas pelos aspirantes a maridos, como prováveis futuras boas donas de casa?

Também não era isso.

Nas minhas visitas ao solar, convenci-me do contrário. Saboreei esplêndidos doces preparados pelas suas mãos de anéis, apreciei delicadíssimos trabalhos feitos por elas. Além do mais, Beatriz tocava piano quasi bem, Laura cantava menos mal, e Natércia pintava assim, assim...

Por que não casava nenhuma das três manas?! Mistério. O celibato pesava-lhes, percebia-se. Notava-se-lhes o ar fatigado, os modos duros, as impaciências peculiares às solteironas desiludidas.

A mãe delas — pobre poetisa aposentada!... — andava sempre com os olhos inchados de chorar, vindo as filhas em perpétuas questiúnculas, a pontos de, esquecidas das conveniências, por qualquer bagatela, discutirem mesmo diante de estranhos.

Coitadas!

Estavam a passar à crítica situação de tias... de problemáticos sobrinhos...

Por uma tarde de agosto, após um dia de calor asfixiante, passeava eu sôzinha pela estrada municipal quando se me deparou, junto de um casinhoto fresco, uma avantajada laranjeira carregadinha a mais não poder. Exemplar magnífico, de grande porte e basta folhagem luzidia, seus frutos eram de tal maneira numerosos que muitos roçavam o solo ou, saltando pelo frágil canhão de resguardo, vinham oferecer-se, provocantes, à gula de quem passava...

Pasmei da maravilha, sentindo crescer a água na bôca...

Tive uma tentação... mas dominei-me...

A educação da vontade!...

Que diacho!

Pois se os campónios, a garotada, revelavam tamanha deferência pela propriedade alheia respeitando ao máximo a linda árvore cujos ramos vergavam ao peso dos pomos de ouro, não me ficava nada bem aproveitar-me da solidão, e... e...

Mastiguei em sêco e recolhi a destra que, instintivamente, num gesto atávico, se estendera para o fruto proibido...

Foi a tempo.

Abriu-se a porta do casebre e surdiu uma mulherzinha segurando a abada e empunhando uma faca. Depois de salvar, sentou-se à fresca, a descascar batatas (batatinhas, hein?!...).

— Sabe o que me prendeu aqui? perguntei-lhe.

— Estou a admirar a sua bela laranjeira...

— Lá bonita, é, sim, senhora.

— E surpreende-me vê-la, nesta época e neste lugar exposto, com tantas laranjas!

O rosto da aldeã abriu-se num riso sadio:

— Olha o milagre!... Não se podem tragar...

— Ah, não?!

— São azêdas, minha senhora... Se não, onde iriam elas!...

E eu também ri — mas o meu riso devia ser amarelo.

Dei as boas noites — entretanto haviam batido as Trindades — e voltei costas, esquecendo o episódio na perseguição de uma rima esquiva, para certas redondilhas líricas, ingénuas, rêscentes ao alecrim do monte e a tôdas as singularidades bucólicas...

Apri! Muito custa, às vezes, ser natural e simples...

Ao avistar o solar, vieram-me as laranjas novamente à ideia.

E fez-se repentina luz no meu espírito! Compreendi, num relâmpago, a razão por que as três manas, formosas, ricas, nobres e prendadas, não casavam nem à mão de Deus Padre!...

Ludovina de Matos.

PRIMAVERA

Sinto-me hoje incapaz de fazer mal...

Daria a um inimigo o pão e o sal.

Tenho fome de amor e de bondade.

Sabem-me bem os gestos de piedade.

Quisera repartir o que me sobra

e sinto que a minha alma se desdobra,

sinto-a mais vasta, mais universal.

Era-me hoje impossível fazer mal...

Maravilhada, eu sinto Deus comigo...

Olho em torno de mim e não consigo

ver a miséria humana, a dor, a lama,

porque trago no olhar aquela chama

que doira tudo quanto é feio e sujo.

Olho, sem ver, à minha volta e fujo

de tudo o que é sombrio e sem perdão.

Abro de par em par o coração

e deixo entrar o sol... Respiro fundo...

Quisera suprimir a dor do mundo,

a doída inquietação que nos consome...

Quisera ser o pão que mata a fome,

o sonho que adormece a pior máguia,

quisera ser, para o sedento, a água,

e, para o poeta, o verso genial...

Sinto-me hoje incapaz de fazer mal...

Quisera perdoar, fazer as pazes...

.....

...e tudo, meu amor, porque há lilazes...

II

O domingo do mundo é a primavera...

E como cada qual

festeja o seu domingo no avental,

na chita do corpete ou no vinco da calça

ou na pedrinha falsa

dum anel sem valor,

assim, ó meu amor,

a terra inteira veste um fato novo

como ao domingo o povo.

Olha em torno de ti... Já reparaste?

Há botões a florir em cada haste

e o musgo verde abraça os troncos pardos...

Se até dos cardos

nasce esta inverosímil flor sedosa,

macia e côr de rosa!

Olha o trigo, meu bem! O trigo é santo

e nesta primavera há tanto, tanto,

e é tão bom ver o gesto rude e nobre

desta gentinha pobre

a acariciar o trigo,

o seu tesoiro,

o seu melhor amigo,

incomparável oiro

que se come

e que só mata... a fome!

Repara, meu amor!

Atrás de cada pedra,

a graça de uma flor...

Tudo o que é verde, medra

— o cardo, o trigo, o azeite, a uva —

e quando a chuva

borrifa a mēdo o prado

é só para alisar o penteado

da relva côr de salsa...

Ah, como a vida é falsa

na vila, na cidade,

longe deste silêncio, desta calma!

Humana, Humanidade?

Que mentira!

O homem não tem alma,

não segue a lei de Cristo...

Humano é tudo isto,

se «humano» é ser piedoso, ser cristão...

Quem se dá sem reservas como o pão?

Quem adormece a máguia

como o vinho?

E quem, pelo caminho,

dá de beber a quem tem sede

com a nossa Mãe Agua?

E quando a terra inteira se abre em flor,

onde buscar, Senhor,

mais lindo enfeite?

E quem deu a primeira claridade

à escura Humanidade?

Foi o azeite...

Os homens não têm alma...

As coisas, sim, meu Deus, alma tão vasta,

que, para a celebrar,

um poeta não basta!

Alma tão simples, alma tão sincera,

— repara, meu amor —

que tudo é alma, tudo é flor

na primavera!

Senhor, Senhor,

¿quem há que não entenda

a voz de tudo

o que é mudo?

Só quem tiver nos olhos uma venda,

nos ouvidos mil anos de descrença,

no coração a morte prematura

e tal indiferença,

tal secura,

que seja como a terra amaldiçoada,

terra salgada

em que não vingam nada!

O meu amor, repara

nesta beleza rara

dum mundo todo em flor!

Cheira a papoilas, cheira a malmequeres...

Se até dão flor os ventres das mulheres!

Se até aos velhos troncos sem vigor,

pela última vez,

abril arranca a flor!

Se até de sonhos vão, sonhos dispersos,

a primavera fez

o ramo destes versos!

FERNANDA DE CASTRO.

Festividade de Santo António

Aceitou o convite que lhe foi feito para pregar na festividade em honra de Santo António que no dia 13 de Junho vai realizar-se no templo da Ordem de S. Domingos, dessa cidade, o talentoso orador sacro Rev. Armando Pereira, Abade da Vila de Paredes, que no presente ano fez o sermão de N. S.^a das Dores, nos Con-

gregados, no Porto.

Nações - Irmãs

Portugal e Brasil—doce união.
O Pai é homem já de velha idade;
O Filho não é filho mas irmão,
Pois alcançou viril maioridade!

Dois corpos mas somente um coração!
Não os separa a grande imensidade
Do Mar impetuoso, valentão
Que o Português domou com magestade!

A mesma língua bela de Camões...
A mesma fé... as mesmas orações...
Exactamente o mesmo ideal...

Bendita seja a radiante luz
Que fúlgida guiou a Vera Cruz
A frota valorosa de Cabral!

Pôrto, 8 de Maio de 1944

António de Oliveira.

No meu cantinho

Ainda do sábado, 29.
Sétimo dia do finamento da saudosa
Senhora D. Virginia Magro.
Exéquias na Oliveira.
Os 44 cadeirais não comportavam
o Clero assistente.
O derradeiro Arminho da extinta
Colegiada coroava a Homenagem tão
significativa.
O excelente Hármonio e as Vozes
bem selectas davam às Exéquias um
tom deveras impressionante.

Do domingo 30.
A uma nota já velha de saúde
assaz profunda succederá uma nota de
bem triste desânimo. Nem mais, nem
menos, meu Alberto.

Quando me sinto velho, meu Amigo?
Há precisamente 40 anos que eu li
aquele formoso volume de 470 páginas
a que Gonçalves Viana deu o nome de
ORTOGRAFIA NACIONAL.

Era o fermento bendito com que a
egregia Comissão de 1911 veio a fazer
levantar a massa ortográfica e a tentar
purificá-la de tantas anomalias e tantos
caprichos e tolices tantas que a
traziam em misero estado.

Em Novembro de 1920 appareceu
uma Portaria com leves modificações.
Em 1929 umas coisas pequeninas,
em 23 de Setembro.

Em 1931 começou o reinado do
Acôrdo com o Brasil Amigo.

Mas é funda pena reconhecer que o
Acôrdo, tão belo na estrutura da
Alta Política, quando visto na se-
quência do seu modo de ser, vai
cavando um definido Desacôrdo em
coisas que intrigarão os Mestres no
desempenho da sua função disciplinar.

Ao ver hoje na «Educação Nacio-
nal» o que nos oferece um dedicado
e miúdo Linguista cujo nome não sei
ler, os restos da minha Fé Ortográfi-
ca voaram com uma nortada de me
incutir um susto ciclónico.

Styrbjörn Lindstrand compara os
Vocabulários das duas Academias e
dá-nos uma lição de relativo equilí-
brio mas de formidável desilusão.
Adeus, adeus, ó minha Fé bendita!

Já na quinta-feira 4.
A uma hora e um quarto terminou
o excelente Concerto Musical.
A plateia era uma pinha.
O Ato Artístico foi fechado com
chave de ouro.

Pena foi que não fôsse de ouro o
à-vontade oratório com que o dedica-
díssimo Prateante se espraçou em
belezas várias e em variegadas coisas.

Todo o homem que fale em público
nunca deve esquecer o latínzinho tão
certo:

Esto brevis et placebis.
Diria o nosso Alberto: —
As maçadas estão proibidas. E eu
vou com o Alberto.

G.

FOLHETIM DO «NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS»
N.º 58

J. Weyman

Aventuras do Cavaleiro de Bérault

CAPÍTULO XII

O posto dos quatro caminhos

— Por que... precisava de confir-
mar uma impressão que tenho... Fal-
lando francamente: parece que em
vós há dois homens...

— Dois homens?
— Sim, dois homens. Um, aquele
que me prendeu; outro, aquele que
deixou hoje o meu amigo em liber-
dade.

— E isso surpreendeu-vos? Era o
que aconselhava a prudência, senhor
de Cocheforêt, e eu sou um velho
jogador. Sei bem quando as entradas

NOTÍCIA DE LONGE

Quando aquela turba-multa de ca-
valeiros amadores chegou a Rilvas
já os toiros estavam «apartados». Eram dez possantes e ferozes bichos,
negros e cornudos, muito mais preocu-
pados com a algara, descostumeira,
à sua volta, do que com o pastio ver-
de da campina. Nem o sol a pino
duma tarde de Agosto, que arrasta
cânica e mósca mordazes, nem os
campinos atentos e que os toiros co-
nhecem, eram motivos de atenção para
os animais. Apenas aquela gente es-
tranha, em seus cavalos fofos, o
roncar dos motores dos carros e cam-
inhetas que chegavam e os atrevidos,
que faziam, com os lenços, acên-
nos aos bichos, mereciam o focinho
no ar e o revolver da terra com as
patas nervosas. E estava ali um quadro
polícromo e pujante de força: a cam-
pina chã, extensa e que fazia vergar
o céu, ao longe, semeada de sômbros,
oliveiras e vinhedo, que um sol torra-
va e abria luz; os cavalos excitados,
coaleantes, em correrias pelo terreno;
os campinos armados de pampilho e
bizarras com os barrêtes verdes, ja-
leca vermelha, calça justa à perna que
as meias limitam acima do joelho —
e a expectativa de toiros e cavalos tro-
tarem pelas estradas a caminho da
festa rija.

Talvez já a essa hora a caseira, a
ti'Rosa, estivesse à entrada do atalho
de Vasa Borrachas, no meio da mul-
tidão de curiosos, pronta a desafiar a
ira dos toiros, com o seu lenço ver-
melho, um lenço muito grande que
ela preparara, cuidadosamente, para
o lançar ao focinho dos bichos.
— Tarde de toiros, tarde de arrôjo!
Nanja a mim que fique em casa a car-
pir desgostos... Meus meninos logo
é que vão ver a ti'Rosa!

— Cuidado ti'Rosa que eles são
puros e pelo dito os entendidos es-
peram que os atrevimentos nesta «es-
pera» sejam pagos no hospital!

— Hei-de dizer-lhes adeus... Até
logo.

O curro saiu de Rilvas, com os ca-
brêtos chocalhantes à volta, os cam-
pinos na dianteira e os cavaleiros
amadores na retaguarda, deixando
uma nuvem de pó que os automóveis
e caminhetas sopriavam. A carava-
na trepou suavemente o monte de
Atalaia e meteu à Estrada Velha, on-
de os campinos tiveram que intervir
para chamar algum animal, que gal-
gava o valado e se perdia em cabri-
lices nas vinhas perenes de cachos.
Já próximo da vila os amadores pas-
saram com os cavalos para a cabe-
ça do cortejo, onde seria mais fácil a
libertação de qualquer precalço, en-
quanto os campinos aguentariam os
toiros na retaguarda e flancos, lugares
perigosos e que requeriam experiên-
cia. Descobria-se facilmente a multi-
idão de curiosos espalhada por vala-
dos, empoleirada nas árvores, domi-
nando janelas com colchas garrridas.
E o «moiral» picou os toiros, en-
quanto as esporas riscaram a barriga
dos cavalos, para entrarem todos a
trote na vila em festa.

Foi rápido: os mais destemidos
saíram a terreiro, desafiarão os toiros,
e a ti'Rosa, perante a comoeção de
todos, gritou a um toiro, mostrou-lhe
um lenço. O bicho «desencabrestou-
se» e arremeteu: a velha aprou o
choque da cornada no peito, foi ao
ar e caiu na arnação do toiro, que a
atirou novamente ao ar, esperou que
ela caísse, calcou-a com as patas, vi-
rou-a no chão e arrastou-a com o fo-
cinho. Dois campinos rodaram o
animal, «desensarilharam» e conduzi-
ram-no para junto do curro, que não
ia longe.

Ao fechar da tarde, a ti'Rosa dor-
mia numa cama do hospital.

Jorge Antunes.

NA POVOA DE VARZIM

Rua da Igreja

VENDE-SE

Casa solarenga com capela e quintal
com abundância de água e dous mil
metros quadrados de terreno
— de cultura e pomar. —

Dirigir-se ao Ex.º Sr. Dr. Antero
Machado — POVOA DE VARZIM.

tória que merece ser contada, estou
seguro disso, — o que pôde determi-
nar, numa hora funesta para mim,
que viesseis à minha procura...

— O senhor Cardial.
— Eu não perguntei quem, pre-
guntei o quê. Não tinhaes rancor con-
tra mim?

— Nenhum.
— Não me conheceis?

— Não.
— Então que razão vos levou a fa-
zer isso?... Pelo céu, meu amigo!
— continuou bruscamente, com maior
liberdade de linguagem do que a que
tinha usado até ali, — a natureza não
quis fazer de vós um beleguim. Que
foi, então?...

— Levantei-me. Era muito tarde. A
sala estava deserta e o fogo extin-
guia-se.

— Hei-de dizer-vos-lo amanhã, —
respondi-lhe. — Amanhã tenho de di-
zer-vos certas coisas, e essa é uma
delas.

Ao mesmo tempo pedi uma luz e
pus ponto nas perguntas do meu in-
terlocutor retirando-me. No dia se-

Da Mulher

O queixar-se é próprio de quem
tem bôca. Queixa-se o comerciante,
porque os negócios não correm à
medida dos seus desejos — ou não
vende ou escasseia o artigo. Queixa-
se o empregado por não ganhar o
suficiente. Queixa-se o rico, porque
os juros baixaram tanto que pouco
aproveita ter dinheiro a mais para
empréstimos. Queixa-se o professor,
porque os alunos não dão o rendi-
mento necessário, perdendo-se assim
as suas noites de estudo e o seu tra-
balho de explicação. Queixa-se...
Nestas queixas, pelo menos nalgumas,
não estará a razão de ser do tonel das
Danaidas?!

Não esqueçamos também as queixas
da mulher. A mulher lamenta-se, chora-
se, e, às vezes, lamenta-se com im-
posições e quasi sempre chora sem
lágrimas, a não ser as afamadas lágrimas
de crocodilo. O homem é que é o
mau, o velhaco, o trufalho, o difa-
dor, o caprichoso. E ela? — A ovelha
mansa, submissa, dedicada, que solta
balidos alucinantes, mas esses balidos
perdem-se pelas quebras dos montes
e só os escutam as cobras, os
sapos e os grilos.

Ouvem-se estes queixumes de vez
em quando. E' na via pública, é na
conversa dentro de um salão elegante,
é nas ruas atufadas até às orelhas
em «maples» macios, é com o cola-
rinho até se esconder a maçã de Adão
e com as calças a tapar os sapatos,
elas com um decote até deixarem ver
os entremeios da combinação e com
umas saias tão curtas que se vêem os
valiosos apêndices da cinta; é nos jor-
nais, nas revistas, nos livros. Ainda
há poucos dias, a articulista D. Maria
Luísa Tôres dizia na «Gazeta de
Coimbra»: «Ocorre perguntar: mas
o que é afinal o problema da mulher?
Podemos, em largos traços, responder
o seguinte: a mulher vive e vive
numa posição de dependência em re-
lação ao homem. Essa dependência
estabelece-se no terreno económico,
pois bem sabemos que mesmo as suas
condições de trabalho são diferentes
das do homem.» «Mesmo as suas con-
dições de trabalho, diziamos, e por
esta razão: muitas mulheres, a maio-
ria, não tem profissão, dedicada a sua
vida a tarefas embrutecedoras e não
remuneradas, são aquilo que se chama
«domésticas». Nestas condições a
mulher está dependente do marido, do
pai, do noivo, enfim, daquele que é
ou será o «chefe da família».

Afinal, não vejo razões para a
mulher se lamentar tanto. Não funa
ela cigarras de todas as marcas? Não
entra num café, sôzinha e quando lhe
apetece? Não vai ao cinema, quando
o marido, muitas vezes, fica no escri-
tório a conferir contas, a adeantar
serviço, a procurar a forma de que
em casa nada falte? Não guia o seu
automóvel? Não entra no escritório,
na Companhia de Seguros, na parti-
cipação pública, a bater com os tacões,
muito pintada e muito imperial, rece-
bendo cortezias e sendo atenciosa-
mente escutada pelos demais emprega-
dos, porque ela e o chefe-mor são
como a unha e a carne? Não é ela
livre em escrever, conversar e discursar?
Quem a proíbe? Quem lhe veda
os caminhos?.....

Por que é que a mulher que quer
subir na vida não se impõe por suas
próprias forças? Temos a química, a
matemática, a física, a astrologia, a
filosofia. Por que é que a mulher não
trata de se desenvolver, de se aper-
feiçoar? Ninguém obsta a isso. Pelo
contrário: o mundo fica-lhe a muito
grato. Literatura? Quem a impede de
fazer literatura? Se tem recio das
afirmações, que se refugie no pseu-
dónimo. Não precisa de se dar a
cozhecer. Se tem valor, pode agir
sem encostos. Muitas, porém, res-
guardam-se do público com a capa do
pseudónimo e andam pelas redacções
dos jornais, em corpo, alma e sedu-
ção, a «angariar simpatias». De resto,
não será com romancinhos de M. Del-
ly, da Coleção Azul, da Mary Love e
de outras e de outros, cujos nomes
não bem sabidos, dispensando que os
exare, não é com esses tais romances
côr-de-rosa que a mulher há-de culti-
var-se e marcar a sua posição. Mas
por que é que a mulher os prefere?

Creio eu que a mania da emanci-
pação da mulher vem de longa data
e devia de ter a sua origem principal
na Revolução Francesa, quando a
deusa Razão incarnou numa provo-

guinte de manhã só nos encontramos
no momento da partida.
Aqueles que conhecem a estrada
que vai do Meio-dia a Azenha lemb-
ram-se dum lugar, a duas léguas da vila,
onde aquela estrada sobe uma colina
escarpada, no cimo da qual se encon-
tram quatro caminhos. Naquela en-
cruzilhada, destacado bem visivel-
mente, há um poste que indica os
caminhos que levam a Bordeus, a
Montauban e a Périgueux.

Aquela colina tinha-me impressio-
nando quando da minha primeira via-
gem, talvez que por ser dali que eu
tivera pela primeira vez uma vista
dilatada do vale do Garonna, e por
que ali me tinha sentido mesmo sobre
a orla daquele país meridional onde
eu havia de cumprir a minha missão.
Não me tinha esquecido dela, e assim
é que, de regresso, eu não desfitava
o seu pincaro arredondado e nu, com
o poste indicador e os quatro cami-
nhos, como o poste avançado extre-
mo de Paris ou como o primeiro in-
dicio do retôrno à minha vida antiga.

Era ali que eu queria fazer alguma
coisa que tinha no espirito. Aquele

poste, com os seus caminhos que se
dirigiam para o norte, para o sul, pa-
ra leste e para oeste... Onde se po-
deria achar um lugar mais propício
para os encontros e para as separa-
ções?...

Chegamos à base da encosta cerca
das onze horas da manhã. A ordem
da marcha fôra invertida: eu ia à
frente e os de Cocheforêt seguiam-me,
perfeitamente à vontade. A certa al-
tura parei, deixando a minha bela
companheira de jornada continuar o
caminho, e, por um gesto, retive
seu irmão.

— Perdoai-me, — disse-lhe; — tenho
uma graça a pedir-vos.

— Uma graça, a mim? — retorquiu
êle amargamente. — O que é?...

— Desejo dizer algumas palavras
em particular a vossa irmã...

— Em particular? — repetiu êle,
surpreendido.

— Sim, — respondi-lhe sem hesitar,
apesar do aspecto carregado que para
logo tomou. — De resto, poderéis con-
servar-vos ao alcance da voz, se qui-
serdes. Mas tenho as minhas razões

Romão Gonçalves

o célebre «ROMANINI»

morreu em Penafiel

Desde há tempos que o tenor Ro-
mão Gonçalves, tão conhecido nesta
cidade onde volta e meia vinha em
serviço de propaganda de vários pro-
dutos, muito especialmente do seu li-
cor «Romanini», se debatia com uma
grave enfermidade que em pouco tempo
reduziu a um feixe de ossos aquele
grande arcaboço.

Esteve hospitalizado no Pôrto e foi
depois para Penafiel para junto da
sua família, ali se tendo unido pelos
laços do matrimónio à sua dedicada
companheira de muitos anos.

«Romanini» veio a falecer no penúl-
timo sábado. Assim acabou os seus
dias o célebre «tenor absoluto» que
chegou a ser uma das figuras mais
populares do nosso país, pois desde
muito novo levou uma vida de gran-
de aventura, a correr mundo, no de-
sempenho de variadíssimas profissões,
desde «boxeur» até ao de propaga-
nista de elixires, na praça pública.

INAUGURAÇÃO

de mais uma Sôpa

No 1.º de Maio o nosso prezado
amigo e conceituado industrial do
Pevidém, Sr. Augusto Pinto Lisboa,
deu-nos mais uma prova da sua gran-
de dedicação pelos operários, que são
os seus grandes colaboradores, dan-
do início à sôpa diária, que lhes está
fornecendo, gratuitamente e que man-
terá enquanto que este estado de cois-
as se não modificar.

Sabemos que o seu novo gesto de
solidariedade praticado para com os
seus 70 e tantos operários calou pro-
fundamente no coração de todos e
foi motivo para as homenagens de re-
conhecimento e gratidão de toda essa
gente para quem o Sr. Pinto Lisboa
tem sabido ser bom Patrão e bom
Amigo.

Aos louvores dos operários agrade-
cidos juntamos os nossos louvores
por entendermos que bem os merece
aquele nosso prezado amigo.

cante mulher. Desde aí, o sexo femi-
nino começou a modernizar-se, a mo-
dernizar-se até aos extremismos que
todo o homem mais ou menos conhe-
ce, em requintes de luxúria, em de-
pravação moral. Há valiosas excep-
ções e com essas excepções é que o
mundo está de pé. Com as pantomí-
nas do feminismo, casamento para
gôzo, sem filhos, sem responsabilida-
des, o país onde foi arvorada a deusa
Razão teve, nos nossos dias, as mais
tristes páginas da sua história.

A mulher quer ser livre? Há duas
liberdades — a do espirito e a do cor-
po. Aquela jamais alguém lhe son-
gou, nem pode. Mas pelo que ela
pugna é pela liberdade corpórea. Com
essa faz mais figura, atrai, seduz
melhor. E' a eterna concupiscência. São
as cinzas de Messalina que andam no
pó das cidades e no borburinho dos
povos. No entanto, essa pobre Mes-
salina, se pudesse falar, diria: «Eu
fui o que quis. Outras o têm sido
também. Por que não o és tu? Tens
medo?! Com esses escrúpulos, filha,
nem o Homem, a quem tu acusas de
tirano mas que sabe consolar-nos
como eu, mais do que ninguém, to
posso demonstrar, é capaz de te dar
o que pretendes.»

Estas considerações são feitas sem
animosidades pelo sexo belo. A D.
Maria Luísa Tôres faz eco como tan-
tas outras pelos direitos da mulher.
Ninguém lhos nega. A mulher não
pode ser uma escrava, como antes do
cristianismo — todos estamos de acôr-
do Tudo dentro das normas, do bom
senso, e da ordem social. E que direi-
tos há que a mulher não tenha? Ser
senhora absoluta? Dominar integral-
mente? O «bicho», homem não é tão
mau como muitos o pintam e creio
firmemente que péssimo será o poleiro
onde mande a galinha. Vejamos isso,
até, nalgum vizinho conhecido.

Ferreira Tôres.

para querer fazer caminho por alguns
minutos ao lado dela...

— Para lhe dizer alguma coisa?...

— Por certo.

— Nesse caso, podeis dizer-me a
mim, — retorquiu-me, com um olhar
desconfiado. — Afirmo-vos que minha
irmã não tem desejo algum de...

— De me ver ou de me falar... Já
sei, e compreendo isso. Todavia, é
forçoso que eu lhe fale...

— Pois muito bem. Podeis falar-lhe
na minha presença, — acudiu êle ru-
demente. — Se não é mais do que isso,
só temos de nos juntar a ela...

E fêz um movimento para impeli-
r o seu cavalo.

— Não é isso, senhor de Cochefo-
rêt, — disse-lhe em tom firme, dete-
ndo-o pela mão. — Rogo-vos que sejais
mais complacente... E' uma coisa
pequena o que eu peço, uma coisa
pequeníssima; e juro-vos que, se vossa
irmã a recusar, há-de arrepender-
-se disso toda a vida...

O meu companheiro fitou-me, com
o rosto ainda mais sombrio:

Foi admirável

o grande Concerto

de quarta-feira

Podem dar-se por muito satisfeitos
os vimeanenses que tiveram a felicida-
de de assistir, na noite do dia 3, ao
memorável Sarau com que a Sociedade
Filarmónica Vimeanense quis comemo-
rar, num gesto cheio de nobreza e
de fervor patriótico, a data do desco-
brimento do Brasil. E radiantes de-
vem estar os dirigentes da referida
Sociedade, que viram encerrar-se, real-
mente, com chave de ouro, como pre-
viamos, os magistraes Concertos Cul-
turais levados a efeito na época 1943-
1944 e no decorrer dos quais tivemos
o enorme prazer de apreciar alguns
Artistas de raros méritos na Música e
no Canto.

Pode e deve dizer-se, em análise de
justiça aos factos observados no de-
correr da jornada artística que há
pouco se encerrou, para prosseguir
lá para o próximo Outono, que a
cidade de Guimarães compreendeu o
alto alcance educativo dos Serões le-
vados a efeito com tanto brilho, pois
recebeu a idéia com a maior esperan-
ça e soube segui-la com verdadeiro
entusiasmo e com o maior carinho,
encorajando dêsse modo os seus pro-
moteiros e louvando e aplaudindo os
simpáticos Artistas que souberam dar-
-lhe uma tão brilhante realização.

Uns e outros estão de parabéns.
O Concerto do passado dia 3 repre-
senta bem um acontecimento Artísti-
co a que raras vezes nos é dado assis-
tir. Nele tomaram parte nomes que se
têm sabido impôr e que o país inteiro
admira pelo que valem no campo da
Arte: Isolda Gama, Eurico Tomás de
Lima, José Neves, Alberto Pimenta
(Filho), Luís Antunes, Alberto Santos
e outros deliciarão-nos, naquela me-
morável noite, num programa magis-
tral que a todos satisfez absolutamen-
te e encantou sobremaneira.

Ao todo umas 40 figuras, num con-
junto deveras soberbo, deram impe-
cável execução ao programa que era
composto por obras de consagrados
autores nacionais e estrangeiros.
A ampla e confortável sala de espec-
táculos do Teatro Jordão estava repleta.
Para cima de mil e quatrocentas
pessoas assistiram interessadamente
ao Sarau e palmearam demoradamen-
te, com entusiasmo e com calor, os
simpáticos executantes.

Isolda Gama foi alvo, como já havia
sucedido quando há meses se apre-
sentou no Sarau realizado no Grémio
do Comércio, de uma grande e espon-
tânea e carinhosa manifestação de
simpatia. Parecia que as palmas não
tinham fim e então quando acabou de
cantar quer na 1.ª quer na 3.ª parte,
os aplausos surgiram de novo, es-
trondosos, a premiar o seu trabalho e
seu muito valor.

E com Tomás de Lima, com José
Neves, com Luís Antunes, com todos
os outros afinal, succedeu o mesmo,
muitas palmas quasi que a traduzirem
unanimemente estas palavras: *multo
bem! multo bem! Simplemente be-
lo, magnifico, encantador!*

No intervalo da 2.ª para a 3.ª parte
procedeu-se à cerimónia da entrega
de uma nova e artística bandeira à
Direcção da Sociedade Filarmónica e
que foi oferecida por um sócio bene-
mérito da Sociedade: — o nosso que-
rido amigo Sr. António Sousa Lima,
que foi o autor do desenho do lindí-
simo estandarte.

A essa cerimónia procedeu, aceden-
do ao convite que nesse sentido lhe
foi feito, a distinta cantora Isolda
Gama.

Como reconhecimento para com a
S. F. V., todos os artistas que nos
têm visitado ofereceram também dois
artísticos laços com a seguinte dedica-
ção:

*A' Sociedade Filarmónica Vimeanense com um «bravo», pela patrió-
tica iniciativa dos Concertos Cul-
turais. — 1943-1944 — Isolda Gama,
Cacília Cocheiro, Arnaldina Santos,
Maria do Céu Neves, Francine Du-
bernet, Juliana Falconieri, Beatriz
Couto, Bertino Daciano, José Neves,
Eurico Tomás de Lima, Acácio Faria,
Luís Antunes, Alberto Pimenta (Fi-
lho), Celso de Carvalho.*

Logo no início do Sarau o Sr. Dr.
Joaquim Pereira de Carvalho, presi-
dente da S. F. V., fez um discurso
acêrca daquela festa e dos fins da

(Continua)

Cap. Ribeiro Dantas

Foi dirigida a todas as bandas militares e civis do Continente e das Colónias uma circular concebida nos seguintes termos:
1.ª Região Militar — Regimento de Infantaria n.º 6 — Pôrto. — Tendo chegado até nós a triste notícia do falecimento do ilustre capitão chefe de música, Artur Ribeiro Dantas, e com ela, a certeza de que Portugal perdeu com o desaparecimento daquele filho — um dos seus melhores valores musicais de todos os tempos.

Apresentando-nos aquele artista, nas suas variadas e formosíssimas partituras, pensamentos cheios de grandeza e imagens que timbram pela sua originalidade, de cujas partituras destacaremos:

Poemas Sinfónicos, aberturas, fantasias extraídas do folclore Nacional, e ainda muitas dezenas de outras composições de recorte delicado e fino gosto que a sua fecunda inspiração legou à alma popular;

Parecendo-nos que esta figura inconfundível — tocada directamente pelos zelos luminosos dum lampadário divino — merece, como preito da nossa gratidão por tão fulgurante obra artística, alguma coisa que o aponte às gerações futuras, como uma figura histórica da nossa música;

Resolveu a comissão a que presido, angariar donativos para erigir, junto à sepultura, cuja terra o amortalha no seu seio, uma lápide comemorativa da sua obra, apresentando-o como alguém que, embora morto para a vida física, vive no templo dos génios, no altar das grandes figuras da Música Portuguesa.

E assim, agradecendo-vos — bem como todos os membros da comissão — tudo que possais enviar-me para o fim em vista, direi ainda:

A legenda esculpida no mármore que erguermos à saudável memória daquele que em vida se chamou Artur Ribeiro Dantas, mostrará à posteridade a dor profunda duma classe, que muito lhe quis como homem e tanto o admirou como o artista.

Ribeiro Dantas foi realmente um grande compositor. As suas partituras figuram em estantes de corporações musicais, quer militares, quer civis e muitas delas são hinos dedicados à nossa região. O folclore nacional também lhe mereceu atenção, dedicando-lhe conjuntos musicais, que são verdadeiras obras primas.

Como Chefe da extinta Banda do Regimento de Infantaria 20, que esteve aquartelado nesta cidade, e como Director Artístico, durante muitos anos, do famoso Orfeão de Guimarães, colheu louros, bem merecidamente, que comprovaram a sua muita competência.

Notícias de Guimarães associar-se-á a homenagem póstuma que vai ser prestada ao saudosíssimo morto que foi vimaranense pelo coração e pelos estreitos laços de família e de amizade.

Câmara Municipal

Em sua sessão de terça-feira a Câmara Municipal deliberou:
Conceder o subsídio de 1.000\$00 à Direcção do Moreirense Futebol Club.

Relativamente ao officio da Junta da Freguesia de Creixomil resolveu que, pela Repartição de Engenharia, se processasse ao respectivo estudo.

Deliberou mais que pela mesma Repartição se proceda ao estudo de um caminho de peões para a Estância da Penha, a partir das Capuchinhas até à casa do Sr. Dr. Mariano Felgueiras.

O vereador Sr. António José Pereira de Lima pedindo a palavra felicitou o Sr. Presidente da Câmara pela passagem do 5.º aniversário da sua posse, focando a acertada orientação de Sua Ex.ª e os benefícios que tem prestado ao concelho.

Instituição a que preside, tendo-se espraído em considerações interessantes à volta da Arte da Música, para prestar homenagem aos Artistas que iam deliciar-nos, cujos nomes já todos conhecem e cujas qualidades os vimaranenses apreciam muito.

O orador, que por largo espaço de tempo prendeu a atenção do numeroso e selecto auditório, foi, ao acabar, bastante aplaudido.

José Cardoso Santarém

Faleceu, há dois dias, o nosso camarada Sr. José Cardoso Santarém, estimado proprietário e Director do «Jornal de Santo Tirso», que contava 68 anos, e era pai dos Srs. Dr. Délio Santarém, médico, e José Gabriel Santarém.

Ilustrado, prestável e disposto de uma grande actividade, soube conquistar inúmeras simpatias, sendo a sua morte muito pranteada.

A Vila de Santo Tirso, nas suas manifestações de progresso, muito fica devendo à sua extraordinária dedicação.

Que descanse em paz e aos seus os sentidos pêsames do «Notícias de Guimarães».

Guimarães e o Instituto para a Alta Cultura

No número passado referimo-nos à honrosa colaboração prestada por Guimarães no curso de obras portuguesas enviadas à Exposição a realizar dentro em breve na Sala da Cadeira de Estudos Portugueses da Universidade Central de Madrid. A relação então feita viemos acrescentar agora, como é de justiça, a colaboração de mais um vimaranense ilustre — o nosso prezado amigo e distinto poeta, Sr. Jerónimo de Almeida, que igualmente recebeu daquela douta agremiação cultural um officio solicitando o seu poema «Berço da Pátria», assim como, dias depois, novo pedido à Câmara do «Roteiro da Cidade de Guimarães», do mesmo autor.

Fica assim rectificada a representação vimaranense na exposição de livros da capital espanhola, promovida pelo Ministério da E. Nacional.

Uma Exposição de Pintura

Por todo este mês vai realizar na sede do Turismo, desta cidade, uma Exposição de variados trabalhos a óleo, aguarela e carvão, o Sr. D. Asencio de Siqueira Freire (S. Martinho), que tem obtido justificado successo em Lisboa, Coimbra, Pôrto e ultimamente em Braga.

Sabemos que D. Asencio, cantor e pintor, é um Artista de requintada sensibilidade, o que nos leva a crer que a sua exposição obterá grande êxito entre nós, tal como tem acontecido em todas as terras por onde tem passado.

Abade de Ronfe

Está em preparação uma manifestação de simpatia ao Rev. Horácio de Araújo, actual e muito digno Reitor da freguesia de Ronfe.

Promovem-na todas as corporações da freguesia: os organismos da Acção Católica e as Colectividades Civis e Corporativas.

Haverá, segundo nos informam, uma sessão solene e diversos actos de beneficência.

O Rev. Horácio de Araújo acaba de succeder, por nomeação, ao Rev. Manuel Esteves Escobar, que parou aqui a mesma freguesia durante mais de 40 anos e à memória de quem foram prestadas, a quando do seu passamento, imponentes homenagens.

O povo de Ronfe, que ainda pranteia a morte do seu antigo e dedicado Reitor, não esconde a satisfação que sente ao ver nomeado para o substituir o Rev. Horácio Araújo, em quem reconhece aquelas altas qualidades que o hão-de tornar o digno continuador da obra de apotolado do Rev. Escobar e por isso mesmo quer afirmar-lhe a sua alta consideração, o seu respeito, o seu reconhecimento.

Santa Casa da M. de Guimarães

Sessão ordinária do dia 5

Sob a presidência do Provedor, Sr. Mário de Sousa Meneses, reuniu a Mesa Administrativa desta Santa Casa.

Pelo Sr. Chefe da Secretaria foi lida a acta da sessão anterior, que foi aprovada.

— Tratou de assuntos referentes aos vários pelouros e designadamente a das subsistências.

— Resolveu dar início às obras da instalação da Laboratório de Análises.

— Resolveu ainda dar de arrendamento ao Sr. Paulo Ribeiro da Silva o prédio do Largo 1.º de Maio.

— Exarou na acta um voto de profundo sentimento pelo falecimento do antigo irmão e benfeitor desta Santa Casa, Ex.º Sr. Dr. Augusto José Domingues de Araújo, no funeral do qual esta Mesa se fez representar.

— Tomou conhecimento do Balancete do Cofre apresentado pelo Sr. Tesoureiro e, bem assim, de estar cumpridos os respectivos legados até à presente data.

da cidade

Falecimentos e Sufrágios

Estudante Miguel Angelo Pereira de Oliveira
O seu trágico falecimento e funeral

No Rio Ave morreu afogado, no penúltimo sábado, junto ao açude de Vila-do-Conde, quando por volta do meio-dia ali tomava banho juntamente com outros colegas, o estudante Miguel Angelo Pereira Oliveira, de 17 anos, natural de Guimarães, filho da senhora D. Alzira Esteves Pereira de Oliveira e do falecido industrial Sr. Joaquim Monteiro de Oliveira.

O cadáver do desventurado mancoção fôbo foi, momentos depois, recolhido nas rédes do pescador João Vinagre e transportado para a margem direita do rio. Daf e após o levantamento do corpo, a que precederam as autoridades judiciais, foi conduzido na maca dos Bombeiros Voluntários para o necrotério do Hospital de Vila-do-Conde, de onde, no domingo, de manhã, foi removido para a casa da família, na freguesia de Pinheiro, deste concelho, com o acompanhamento de algumas pessoas de família e outras das mais intimas relações.

O funeral, que constituiu uma grandiosa e significativa manifestação de saúde, realizou-se na segunda-feira, na igreja paroquial de Pinheiro, onde foi celebrada missa e officio do corpo presente, após o que o cadáver foi trasladado com grande acompanhamento, para o cemitério paroquial, onde ficou inumado em jazigo de família.

O trágico acontecimento causou nesta cidade, onde a família entulhada é muito estimada, a maior consternação.

A todos os doridos e dum modo muito especial à desolada mãe, apresentamos a expressão do nosso muito pesar.

Sufragando

Na igreja paroquial de S. João de Ponte realizou se, na passada segunda-feira, um termo de missas e respostas comemorativos da passagem do 7.º dia do falecimento da saudosa senhora D. Maria do Carmo Ribeiro da Silva e Castro. O acto teve numerosa assistência.

Diversas Notícias

Pedido de demissão

O nosso amigo Sr. José da Silva Palmeira, pediu, recentemente, a demissão, que foi aceite, de Factor de 3.ª da Companhia dos C. de F. do Norte, a fim de dedicar-se à vida commercial. Desejamos lhe muitas prosperidades.

Operação

No Hospital da Universidade de Coimbra foi submetida a uma melindrosa operação, que decorreu com êxito, a senhora D. Maria Martins Guimarães, proprietária do Quiosque do Jardim, esposa do Sr. José Francisco da Silva Guimarães, a quem desejamos o mais pronto restabelecimento.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Normal, ao Largo do Toural.

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 9, a sr.ª D. Maria do Espírito Santo Fernandes e o menino Vitor Manuel, filho do nosso prezado conterrâneo, residente em Lisboa, sr. João Pereira de Freitas Pires; no dia 10, o ilustrado Oficial da Armada e nosso bom amigo sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão e o também nosso amigo sr. Mattias Faria da Silva, comerciante nas Taipas; no dia 11, o menino João Torcato, filho do nosso illustre Colaborador e amigo sr. Dr. Américo Durão e o também nossos prezados amigos srs. Amadeu da Costa Carvalho, estimado capitalista e industrial e Lutz Gonzaga Pereira, antigo professor; no dia 12, o ilustrado sacerdote e digno Prior da Matriz da Póvoa de Varzim, sr. P.º António C. Pires Quesado e o também nosso bom amigo sr. Joviano Ramos Camião; no dia 14, o nosso bom amigo sr. Domingos José de Sousa Vaz Vieira.

«Notícias de Guimarães», apresentando-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Também faz anos no próximo dia 10 o nosso prezado amigo sr. Manuel José Mendes da Costa Guimarães a quem felicitamos.

Doentes

Encontra-se bastante melhor dos seus padecimentos o conceituado industrial de Covas e nosso prezado amigo sr. Francisco da Silva Areias.

— Tem passado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Constantino Santaolha.

— Tem estado bastante incomodada a esposa do nosso prezado amigo sr. Luís Teixeira.

— Também tem estado doente o antigo e estimado professor primário sr. José Maria Félix.

— Tem experimentado sensíveis melhoras o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Alberto Peixoto Soares.

— Também tem experimentado algumas melhoras a bondosa esposa do nosso prezado amigo e estimado solicitador sr. Francisco de Faria.

— Encontra-se melhor dos seus incômodos a esposa do nosso prezado amigo sr. João Carvalho Guimarães

muito agrado, em reuniões e em festas aqui realizadas.

O extinto era viúvo da senhora D. Maria Isabel Vaz Nápoles Araújo e padrastra da senhora D. Maria Constança Vaz Nápoles de Freitas, esposa do Sr. Dr. João Martins de Freitas.

O seu cadáver, segundo determinação expressa do finado, foi removido na quinta-feira, à tarde, para esta cidade, tendo se realizado anteriormente o seu funeral no templo da Misericórdia com a assistência de numerosas pessoas de todas as camadas sociais.

Entre a numerosa e selecta assistência vimos as Casas de Caridade que o extinto há tempos já havia contemplado com avultados donativos, Direcção e pessoal da Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães, representantes de várias corporações religiosas e civis, Seminário da Costa, etc.

O cadáver foi, após as cerimónias fúnebres, removido em auto-funeral e com grande acompanhamento, para o Cemitério de Atouguia, onde ficou inumado em jazigo de família.

O féretro foi coberto com a bandeira do Município de Monção, tendo-se feito o mesmo representar pelo Presidente e Vereadores da Câmara. Veio também assistir aos funerais a Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Monção.

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, assim como as Direcções das Oficinas de S. José e do Asilo de Santa Estefânia, também estiveram presentes no funeral.

A família dorida apresentamos condolências.

TEATRO JORDÃO HOJE

ÀS 15 E ÀS 21,30 HORAS

A luxuosa e surpreendente produção histórica FALADA EM PORTUGUÊS:

O GRANDE AMOR DE D. PEDRO DE BRAGA

Interpretada por Pepita Serrador ■ Alicia Barrie ■ George Rigaud

TERÇA-FEIRA, 9, ÀS 21,30 HORAS

AVES DE FOGO

Um dos mais belos e empolgantes filmes de AVIAÇÃO, todo colorido, com GENE TIERNEY e PRESTON FOSTER

QUINTA-FEIRA, 11, ÀS 21,30 HORAS

UMA OBRA-PRIMA DA CINEMATOGRAFIA:

COM: Marlene Dietrich e Randolph Scott OIRO

SEXTA-FEIRA, 12, ÀS 21,30 HORAS

A Companhia do Teatro Maria Vitória, de Lisboa, APRESENTA A REVISTA DE GRANDE ÊXITO:

CANTIGA DA RUA

DE QUE FAZEM PARTE:

Carmencita Aubert, Mariamélia, Filomena Casado, Maria Clara, Adelina Caldas, Santos Carvalho (R.), Carlos Alves, Pereira Saraiva, João Pio e os grandes bailarinos excêntricos: Peggy-Humberto e o encantador grupo VITÓRIA GIRLS

CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

N.º 62 ENUNCIADO:

Grid for crossword puzzle with numbers 1-11 in rows and columns.

Horizontalis: 1 — Mascado, que pelo Carnaval, percorre as ruas de Lisboa, dizendo graçolas; parte do palácio do sultão muçulmano onde estão encerradas as odaliscas. 2 — Meio para; convém; pronome pessoal. 3 — Vão entre a parede e o enxergo, na cama de bancos; soldado. 4 — Moscada. 5 — De tal modo; relativo aos habitantes da alta Escócia. 6 — Vaso santo, de que, segundo a crença da Idade-Média, Jesus se serviu na ceia com os apóstolos. 7 — Título dado antigamente pelos ocidentais ao rei da Pérsia; escuma das ondas. 8 — Remédio que tem o óleo por base. 9 — Sabor picante; espécie de cerveja, o quimbombo. 10 — Está sentado; cousa; actuei. 11 — Análise; enganas-te.

Verticalis: 1 — Boa promessa de frutos; imobilidade do sangue nos vasos capilares. 2 — Perigo; tanto; Rei. 3 — Designação de diversas plantas, uma das quais é o abutiro; moeda de Cambaia, 12 reis. 4 — Corpúsculo reprodutor de certas plantas. 5 — Partes laterais das narinas; ponto aproximado. 6 — Deminu valor. 7 — Vaso; luz. 8 — União dos estames pelos respectivos filetes. 9 — Banhar em grande cópia; volver. 10 — Pronome pessoal; bom; grita. 11 — Bata; sinceros.

O presente problema é o último a contar para o concurso. Agora vai o Júri deliberar e em seguida publicaremos as classificações e atribuição de prêmios.

Vida Católica

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

— Realiza se, nos dias 13 e 14 do corrente, na Igreja dos Santos Passos, a reunião mensal da Arquiconfraria de N. S.ª do Perpétuo Socorro, constando do seguinte:
Dia 13, as 17 horas, terço, prática, bênção do SS.º Sacramento e Via Sacra; dia 14, as 16 e às 8 horas, missas e comunhão geral; às 16 horas, exposição, terço, prática, consagração e bênção do SS.º.

N. S.ª de Fátima — No próximo dia 13, sairá, pelas 12 horas, da capela das Oficinas de S. José (Capuchinhas), a procissão de N. S.ª da Fátima, que dará volta ao Largo da República do Brasil, havendo ao recolher as costumadas invocações e bênção do SS.º.

N. S.ª do Terço — A Irmandade de N. S.ª do Terço, erecta na Igreja Paroquial de S. Paio, manda celebrar, no próximo dia 14 do corrente, pelas 8 horas e na Igreja da Misericórdia, servindo de Paroquial, a missa estatutária em honra do seu Padroeiro.

Reforma de Estatutos — A Irmandade de S. Gonçalo, erecta na Igreja Paroquial de S. Paio (antiga de S. Domingos), reúne, em Assembleia Geral em 2.ª convocação, no próximo dia 14 do corrente, pelas 9 1/2 horas, na sacristia da Igreja da Misericórdia, servindo de paroquial, os irmãos, para a aprovação dos seus estatutos e das suas anexas, S.ª da Misericórdia, S.ª do Terço, S.ª da Piedade, Senhor Jesus, S. João Baptista e Menino Deus, em conformidade com as determinações de S. Ex.ª Rev.º e o Senhor Arcebispo Primaz.

Partidas e chegadas
Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo e conterrâneo e distinto Presidente da Câmara Municipal de Monção sr. Dr. António Baptista Felgueiras.

Também esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Luís de Oliveira Barros, do Pôrto.

Tem estado em Lisboa, onde foi passar uns dias, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Bráulio Teixeira Carneiro.

Também tem estado, acompanhado de sua esposa, nas suas propriedades da Longra, o nosso amigo sr. Joaquim Teixeira da Costa.

Casamentos

Na Igreja de S. Dâmaso, consorciaram-se, no passado domingo, o nosso prezado amigo sr. António Faria Martins, sócio da Casa dos Encovais, desta cidade, com a sr.ª D. Maria Alice Pereira Leite, tendo paraminado o irmão do noivo sr. José Faria Martins Leite e sua mãe.

Foi celebrante o rev. Augusto Borges de Sá, digno Prior de S. Sebastião. Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Também se consorciaram, ultimamente, na Gruta de N. S.ª do Carmo da Penha, o nosso prezado amigo e estimado empregado comercial, sr. Alberto A. de Oliveira, com a sr.ª D. Maria Alzira André Pacheco, tendo servido de padrinhos por parte do noivo o conceituado industrial sr. António Pimenta e sua esposa e por parte da noiva o também nosso bom amigo e conceituado industrial sr. Bernardino Alves Marinho e sua esposa.

Aos noivos desejamos muitas venturas.

Nascimento

Teve a sua «délivrance», dando à luz uma criança do sexo feminino a esposa do nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. João de Almeida Ribeiro. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

CASIMIRO SOARES SOLICITADOR Largo Conselheiro João Franco, 12 Guimarães

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

Ciência em marcha
DA CEGUEIRA

Proponho-me, numa série de artigos com aquele título, tratar de alguns avanços da ciência.

Ao abordar semelhante tema, não quis emparceirar ao lado dos Homens de Ciência — porque o não sou — mas simplesmente divulgar um estudo, o estudo da oftalmologia que criou o verdadeiro sentido da palavra «ver».

O prof. Dr. Erico Seidel, de Jena, num brilhante artigo, chegou a conclusões verdadeiramente fenomenais sobre cirurgia moderna. «Embora — diz ele — hoje já se conseguem certos conhecimentos fundamentais de fisiologia, ainda não está completamente esclarecida a teoria da função visual com todos os seus detalhes, visto que não se conhece ainda tudo o que se passa no domínio das sensações ópticas».

Na realidade, não basta os olhos estarem em condições ópticas, isto é, sem qualquer defeito visual, porquanto a imagem na retina deve ser transmitida através dos nervos ópticos para o cérebro, atingindo as células ganglionares dos lóbulos posteriores onde jaz o centro óptico. «Contudo — acentua Seidel — este fenómeno só se manifesta quando aquele, estimulado pela impressão visual, possui bastantes pontos de contacto com as sensações visuais anteriores».

E mais adiante, o ilustre sábio afirma: «Graças a experiências feitas em crianças com cegueira congénita, em consequência duma catarata (opacidade do cristalino), podemos verificar que, depois da operação, não podiam ver imediatamente e continuavam cegas. Durante semanas, continuavam a orientar-se pelo tacto e só pouco a pouco iam concebendo as coisas que os seus olhos viam. Depois dum determinado tempo, a que podemos chamar o «período de aprendizagem», as crianças recuperavam a função visual».

Também podemos observar em crianças sãs, sem defeito aparente, uma perda de visibilidade, determinada por várias causas que não atingem o órgão visual directamente.

Muitas vezes, trata-se duma contracção da pálpebra ou qualquer outra pequena lesão. A criança «desaprende» a ver e, depois de curada da pequena lesão exterior, continua sem poder ver porque o seu centro óptico não funcionou durante todo o tempo em que tinha os olhos fechados.

Durante os últimos anos realizaram-se novos estudos com adultos na clínica de oftalmologia de Jena. Essas pessoas que sofriam de cataratas e estavam completamente cegas, foram operadas com êxito, tendo podido verificar-se o mesmo fenómeno observado nas crianças. Os estudos feitos nas pessoas adultas, que, sobretudo quando se trata de pessoas inteligentes, podem dar indicações mais precisas do que as crianças, permitem um golpe de vista sobre o mecanismo da função visual e a noção do espaço, isto é, a teoria da visibilidade, tomando em conta os princípios psicológicos e filosóficos.

A teoria da visibilidade ocupou os investigadores durante séculos. Alguns sustentavam a opinião de que a função visual era uma faculdade congénita, enquanto que outros, como por exemplo Helmholtz, fizeram notar que se aprende a ver por meio do tacto, teoria à qual se deu o nome de «empirismo» em oposição ao «nativismo» baseado sobre a hipótese do processo congénito. As observações feitas nos últimos tem-

CHAPEUS

PARA SENHORA E CRIANÇA

ROSA PEREIRA REBELO participa às suas Ex.^{mas} Clientes a Abertura da Estação de Verão, com um grande e variado Sortido de Modêlos recebidos das principais Casas de Lisboa e Barcelona, ficando reconhecida por uma visita ao seu Atelier, onde poderão apreciar os mais lindos Modêlos.

RUA DE S. DAMASO, 89
TELEFONE, 4426

Pedro da Silva Freitas

CHAFARICA

11 — Rua de Santo António — 13

Telef. 4221 End. Tel. PERFEITAS

DEPÓSITO DE TABACOS E FÓSFOROS

Vendas por Grosso e a Retalho

Sortido completo em Chás e Perfumarias.

Papelaria e Objectos de Escritório

AGENTE DA CASA DA SORTE

Lotarias para fôdas as extracções.

Descontos a Revendedores.

Ao Comércio, Indústria e Público

Máquinas de Escrever ■ **Permutas** ■ **Reparações** ■ **Compras** ■ **Transformações de Teclados**, etc., de tudo trata a casa **PEDRO GONÇALVES «Rei das Máquinas»** de escrever, fundada em 1917, na Rua de Cedofeita, 156, Tel. 87, (frente à R. Miguel Bombarda) no Pôrto, executando também todo e qualquer trabalho de **Dactilografia**. Ensina a escrever à máquina a ambos os sexos, com curso diurno e nocturno com matrícula permanente. 595

pos confirmaram a teoria de Helmholtz.

A função visual só se pode desenvolver à custa do tacto podendo-se admitir que determinadas faculdades congénitas da retina desempenhem um papel auxiliar, não obstante não se manifestarem clinicamente. A pessoa que, depois de certo período de cegueira, recupera a vista, apresenta uma série de sintomas psíquicos e físicos que são prova evidente da transmutação espiritual e corporal em desenvolvimento por todo o organismo.

A transformação física manifesta-se num rejuvenescimento total do organismo. A fisionomia modifica-se, a expressão é mais clara e aberta, o porte mais direito e os movimentos mais elásticos e voluntariosos. A-par disso, observa-se a transmutação psíquica. Com a luz, a força e alegria de viver apossam-se do indivíduo que durante tanto tempo viveu nas trevas e na tristeza.

Com o estudo do prof. Dr. Erico Seidel, a milhares de infelizes é dada de novo a faculdade de ver, e, simultaneamente, a alegria de viver.

C. L. Pedrosa.

Livros & Jornais

Aranhas, Aranhões e Aranhões — pelo Eng.º Agrônomo Eduardo Sousa de Almeida.

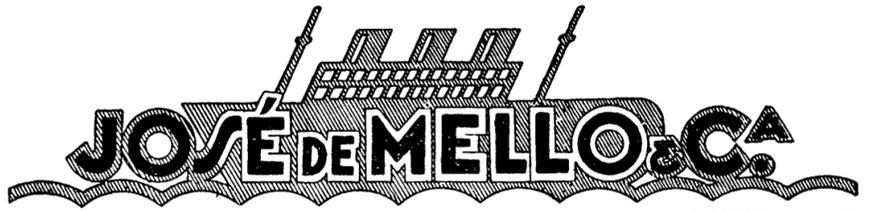
O engenheiro agrônomo, Sr. Eduardo Sousa de Almeida que ainda não há muitos meses nos deu um livro formoso e aliciente — A Vila das Abelhas — acaba de publicar uma pequena monografia, na conhecida coleção «Biblioteca Cosmos», sobre a vida das aranhas. Pequenas particularidades, os costumes e hábitos destes pequenos seres, tudo nos é contado, numa maneira simples, graciosa, sem deixar de ser elegante, neste encantador livro de 128 páginas.

Que magníficas lições de trabalho, e perseverança, não dão estes pequenos seres! É um livro que aconselhamos a todos a sua leitura.

Vegetais Maravilhosos — pelo Prof. António de Oliveira Matos.

Continuando a sua obra de vulgarização dos pequenos segredos da natureza, o Prof. António de Oliveira Matos, em «Biblioteca Cosmos», acaba de nos dar um formoso volume sobre **Vegetais Maravilhosos**. Inúmeras plantas, flores e árvores, no mistério da sua vida, perpassam nas 128 páginas deste livrinho, e o seu espectáculo nos oferece interesse e excita vivamente a nossa curiosidade.

É um livro delicioso, que se lê num fôlego e com ilusões gravuras, ilustrativas do texto.



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação,

de Fabricantes

e Negociantes estrangeiros e nacionais

AO PUBLICO

José Pinto da Rocha (Petisqueira) vem prevenir, por esta forma, todos os seus clientes e amigos, que não são de seu fabrico as caixas para arquivo de correspondência que não tenham bem legível um carimbo com o seu nome.

Sendo de qualidade absolutamente garantida as caixas que fabrica e que são sempre marcadas com o seu carimbo, outro tanto não se verifica com as que têm aparecido ultimamente no mercado e são apresentadas por outro fabricante habilitado. 613

LICENÇA DE URDIDOR COM UM

CONTINGENTE DE 248 MAÇOS

VENDE-SE

Falar com António Pacheco

— S. Martinho de Candoso —

CAVES DA RAPOSEIRA

GRANDES VINHOS
ESPUMANTES NATURAIS

LAMEGO

QUINTAS

Vendemos nos concelhos de Guimarães, Braga, Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Cabeceiras de Basto, com esplêndidas casas de senhorio e com a renda em cereais de 21, 6, 4, 5, 3, 10, 2, 9, 7, 8, 15 e 20 carros, e bem assim casas no centro desta cidade. 365

A Auxiliadora — R. da República, 70.
Telefone, 4470

CÃO

Faltou um cão de caça preto com as patas e o abdomen brancos, ao Sr. José Lopes da Silva, mais conhecido por **Zé do Tinto**, que reside no lugar do Barreiro, freguesia de S. Jorge de Selho.

O dono tem-se esforçado por saber onde o referido cão se encontra para o readquirir, julgando não dever nenhum favor a quem lho detenha ilegítimamente. 596

Vendem-se

Casas com quintais, no centro da cidade, e terrenos para construção de prédios.

Tratar na «Auxiliadora» — Rua da República, 70 — Telf. 4470. 558

A. Gomes, Filhos & Sá

OURIVESARIA GOMES

PÓVOA DE VARZIM

Oficina de Ourivesaria — Relojaria

— Joalharia — Gravadores —

Rodrigo das Meias

comunica aos seus fregueses que mudou a sua oficina para o lugar da Conceição (Fermentões), e também vende um fogão de estufa com depósito de cobre. 590

TORNEIROS e CERRALHEI-

ROS CIVIS e MECANICOS

Precisam-se de 1.ª e 2.ª classe — Fábrica de Móveis de Ferro da Lougra — FELGUEIRAS. 609

VENDE-SE

uma leira de terra lavradia, sita na freguesia de Urgez, próximo à Fábrica da Breia. Recebem-se propostas na Rua da Caldeira n.º 13. 611

A CASA LEQUE de **Benjamim de Matos & C.ª, L.ª** da **GUIMARÃIS** — TELEFONE 4123

participa que já recebeu grande sortido para a Estação de Verão.

Fazendas de lã para Vestidos e Casas, Sêdas em côres, lisas e estampadas, Tecidos de algodão — Alta Fantasia, Casimiras para Fatos, Meias, Malhas e Miudezas.

Esta Casa recomenda-se pelo seu grande sortido, baixos preços e seriedade nas suas transacções. 599

VENDAS A DINHEIRO

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Correspondentes Bancários
Depositários de Tabacos e Fósforos
VINHOS BORGES & IRMÃO
Revendedor da Sociedade de Produtos LACTEOS
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Chás — Papelaria — Perfumarias
Mercearia fina Colonial. Sortido completo em Miudezas. Armazém de Mercearia anexo de **Francisco Pereira da Silva Quintas**

Pôrto - KOPKE

CASA FUNDADA EM 1638

Vinhos do Pôrto de alta classe. O primor e a delícia dos bons apreciadores.

Espumantes Naturais, Wermouths e Brandies
TIPOS CONSAGRADOS

WHISKY Long John e GIN Seagers

Agente e Depositário em Guimarães:

T. Mendes Simões

591 Rua de S. Damaso, n.º 1 - Telefone — 4227

ANILHAS PARA FABRICAÇÃO DE TALHERES

em LISO, FRISO, CONTAS e FANTASIA

Fabricação Garantida da **FÁBRICA CELENI**

AGÊNCIA EM GUIMARÃIS:

Agnélio Pires

Avenida Conde de Margaride

Guimarães